

Escreve o Leitor.

Liturgia e música sacra a serviço da pregação do Evangelho

Por I. Kayser.

Não é preciso traçar um quadro da situação de abandono lamentável em que se encontra a música em nossas comunidades, em qualquer região desta nossa igreja. Os coros apresentam-se somente nos dias festivos, fazendo, então, questão de se apresentarem e a participação das comunidades na liturgia e no canto da igreja é deficiente e mesmo ausente. Bastam-nos estes dois exemplos para aclarar o que dizemos: a comunidade não mais sabe qual a atitude que lhe compete em relação à liturgia e ao canto coral; a atitude realmente tomada é motivada por princípios de mera casualidade. O costume é fator decisivo. Este, por sua vez, decorre da educação da juventude e da comunidade. Se, durante vinte anos, em véspera de natal, cantamos "*Stille Nacht*" (noite feliz), dificilmente e só a contragosto nos iremos afastar deste costume. As justificativas, que se buscam para tal costume, são, em geral, posteriores, e, por isso mesmo, pouco convincentes. Falando mais claro: uma vez que estamos acostumados com certo hino sempre cantado em determinadas ocasiões, somente com desgosto o deixaremos, embora possa ser êle mais ou menos apropriado, quanto ao conteúdo e à música. Algumas razões para justificar e fundamentar tal atitude hão de ser sempre encontradas. Não se permite, no entanto, em nosso meio, a adoção de critérios críticos com as conclusões consequentes. No plano da ética tal posição corresponderia à seguinte atitude: acostumei-me a certo procedimento pecaminoso e dêle não mais me posso afastar; vou, então, à procura de justificativas e encontro aí, o temperamento, o procedimento dos outros, minha posição social etc. Insisto em dizer que isso é só um exemplo e que não tive a intenção de afirmar que cantar "*Stille Nacht*" fôsse pecado.

A música sacra, como veremos mais abaixo, é apenas um setor da liturgia. Neste ponto, no que concerne à liturgia, nossa incerteza de posição ainda aumenta e se torna generalizada. Acontece que os membros se afastam do culto por ter o pastor introduzido leitura dupla de epístola e evangelho separados pelo hino da semana (*Wochenlied*), este e mais outros fatos poderiam demonstrar-nos claramente que também na liturgia o fator regente

é o costume, e que a atitude por nós assumida não se baseia num critério objetivo, orientado nas convicções teológicas.

Inexistem, em nosso meio, as hipóteses primárias para o conhecimento básico do que seja liturgia e sua finalidade. A nossa educação deficiente, a falta de tradição em assuntos culturais em nosso país, é geral; como poderíamos esperar conhecimentos num setor tão especializado? Não obstante, neste assunto sutil, cada qual requer para si o direito de opinar. Isto porque a liturgia e a música sacra são fatores da vida comunitária. Mas, seja como fôr, neste assunto cada qual se julga autoridade para criticar e opinar. Não o faria certamente em outras questões, mas em se tratando de questão que diz respeito à sua vida de cristão, cremos ter achado a explicação dêste disparate. Por isso, toma a si êsse direito. E o tem feito, na convicção de que os seus argumentos se baseiam na Sagrada Escritura e na Confissão da Igreja.

O grande engano, porém, consiste em que as diretrizes, que formam o seu critério, são erradas por se basearem em seu tradicionalismo, no comodismo que não deseja incômodos. Vemos aqui o homem natural em contraposição ao homem renascido em Cristo (I Co. 2,14).

Em suma, parece-me não mais sermos capazes de responder a questão da música sacra e da liturgia com argumentos bíblicos e confessionais. Estamo-nos orientando por motivos, os mais diversos, e adotamos critérios tão inseguros que, a estas alturas, descambamos para a total incerteza. Esta insegurança nos deveria preocupar e, até mesmo, alarmar se quisermos, e com sinceridade, encarar a situação e alcançar alguma estabilidade.

A atualidade nos obriga de modo bem especial, aqui em nossa igreja brasileira, que tomemos uma atitude decidida e correta. A discussão sobre o hinário, há muito tempo, se arrasta sem solução. A liturgia ao invés de reavivar-se, está fadada ao esmorecimento. Verdade é que o movimento renovador das formas litúrgicas, inquieta a igreja aqui e ali, mas o seu sôpro ainda não atingiu estas paragens. Muitas formas e tradições se destruíram. Muitos valores se perderam. Mas, a eterna mensagem do Evangelho permanece inalterável. Assim sendo, com muita razão a igreja se preocupa pelas formas por meio das quais a comunidade realiza a comunhão com Cristo. Música sacra e liturgia são um fator importante dêste programa de intercomunicação.

Formas estão sujeitas ao esquecimento e à transformação. As formas litúrgicas não constituem excessão. Sempre, porém, ficam intimamente relacionadas com o conteúdo. Podem, inclusive, relaxar o conteúdo e mesmo dêle prescindir, podem deformá-lo, diminuir-lhe a importância, privá-lo de sua essência. A decadência das formas surge sempre em detrimento do conteúdo. Certamente a permanência válida da ação salvífica de Deus em Jesus Cristo não depende de nossa preocupação, mas temos receio que sua mensagem salvífica nos seja obscurecida.

A forma de preservarmos para nós e para a nossa posteridade esta mensagem, é uma questão litúrgica.

Estamos plenamente cōscios da relevância da pregação, da necessidade de realizar o amor ao próximo, do imperativo da missão e da cura de almas. Mas não nos esqueçamos que a liturgia e a música sacra participam essencialmente em todos êsses setores. Por isso não tem cabimento tratar a liturgia e a música como questões secundárias, assunto de alguns músicos fanáticos e excêntricos apenas. Assim, por exemplo, a nossa nova Agenda no vernáculo não foi atingida nem por um leve sôpro sequer do movimento litúrgico renovador que em outras igrejas é assunto apaixonante.

I

A UNIDADE DA MÚSICA SACRA E DA LITURGIA

Muitos desconhecem esta interrelação. Em tôdas as discussões a respeito ouvem-se vozes que opinam ser isto assunto de gôsto, sôbre as quais não se discute. Tendo em vista tais opiniões, procuraremos mostrar que tudo se localiza e situa dentro de um todo, formando, assim, uma grande e complexa unidade.

1. — *Que é liturgia?*

a — No sentido comum entendemos por liturgia as partes litúrgicas que são cantadas pela comunidade como o “Glória”, o “Kyrie”, o “Aleluia” etc. Falamos da liturgia da Santa Ceia, do Batismo etc. Êste primeiro conceito de liturgia é fluente e incerto, pois não permite precisar a posição das orações e da leitura bíblica. O conceito é impreciso e maleável.

b — No sentido real, a liturgia abrange tôda a ordem do culto. No entanto, devemos nos precaver de uma idéia errônea, pensando ser liturgia sômente o desenrolar ordenado do ofício divino. O seu verdadeiro sentido está no conteúdo. Liturgia é o diálogo ordenado do culto público entre o Senhor e seus redimidos. Em tudo isso a palavra eficiente e criativa, a palavra de Deus, é o centro. O simples “culto” carece de sentido a não ser que seja considerado como uma obra piedosa, merecedora de recompensa. Sem dúvida a comunidade no culto, quer servir ao Senhor. Liturgia é, pois, o *acontecimento* do culto, acontecimento êste que consiste no obrar de Deus em sua comunidade, por meio de sua palavra criadora, e no responder da comunidade em palavras, orações, hinos e música.

c — A liturgia do culto não pode, no entanto, ficar isolada da vida comunitária, justamente porque a igreja precisa da liturgia viva, do culto prático.

Da mesma forma, porém, lhe é indispensável a liturgia ordenada do culto público como medida preventiva contra o fantas-

ma do "cristianismo prático" que sempre está condenado a degenerar para simples programa humanitário ou político-social. O culto é a fonte de energia do crente.

Assim nesse sentido mais amplo, pode tôda a vida do crente ser considerada uma liturgia.

2. — *Que é música sacra?*

Música sacra é liturgia. Tem o seu lugar entre o diálogo eficiente entre o Senhor e a comunidade. Pode ser portadora da palavra de Deus; assim acontece quando o côro canta um moteto ou uma cantata, tendo por texto a leitura dominical, ou quando o oficiante recita em tom litúrgico as palavras da Santa Ceia. A música pode ser portadora da resposta da comunidade, e êste é o caso mais freqüente, sendo os hinos de oração e louvor, exemplos. Há ainda os casos onde encontramos estas duas formas básicas entrelaçadas.

a) — Mas acontece que nem tôda música, é música sacra. Como definir os limites? Em se tratando de música vocal o problema é de fácil solução. É relativamente fácil diferenciar textos apropriados ou desapropriados para a adoração. O fato lamentável, porém, é que o costume vem obscurecendo nossa capacidade de discernimento. Os, que desejam que se cante, por ocasião do próprio entêrro, "*Wo findet die Seele...*", esquecem de observar o texto, pois, poderiam então constatar que neste hino, não fica expressa a plenitude do Evangelho, e do consôlo que necessitamos justamente nestas oportunidades. Nossas comunidades não têm critério algum no que se refere a letra e seu conteúdo. São incapazes de um discernimento entre o que se ajusta ou não, à ocasião. E ainda não nos referimos à forma e à interpretação.

b) — A música não obstante, tem que submeter-se a um critério também. Errado seria tomarmos em conta apenas a letra, considerando a música indiferente. Desde as mais remotas eras, conhecem os homens o forte efeito da música sôbre as suas psiques. Em duas palavras: um tal efeito pode ser positivo ou negativo. Existe aquela música duvidosa de clubes noturnos, música sensual, excitante, que paralisa o consciente com seu efeito embriagador. Ridículo seria pensar que se a letra de uma tal música fôsse decente, seriam outros os efeitos.

Tal música, com influência perigosa e prejudicial é tolerada na igreja por todos nós. Com a nossa música puramente sentimental, oferecemos ao ouvinte, sensualismo em lugar da pregação do Evangelho e consôlo bíblico. O homem, exatamente o de hoje, precisa de alimento forte, mas apenas oferecemos espuma. E isto ainda com sinais cristãos. Daí a necessidade de submetermos também a música a um critério objetivo. Tendo sempre em vista a missão da Igreja, não podemos mais responsabilizar uma música e textos que visam apenas o sensualismo, cultivando o sentimentalismo emotivo e pouco autêntico. E mesmo sendo os textos evangélicos

cos é autênticos, o incauto não tem capacidade e preparação de discernir entre forma e conteúdo de apresentação, assim pois a forma lhe obscurece o sentido real. Ainda tendo em vista sempre a missão da Igreja, devemos eliminar do cenário da pregação uma vez para sempre os cantos e as melodias tão comuns de nossas sociedades, cantos de puro sentimentalismo com seus textos sem nexos, mundanós, e o que é pior, sem mensagem. Enganamos, desta forma, o ouvinte, e deixamo-lo vazio.

II.

A MÚSICA SE PRESTA ESPECIALMENTE PARA O SERVIÇO DA IGREJA

1. A música tem especial utilidade para o serviço da Igreja por envolver o homem integralmente, corpo, alma e espírito. O Senhor sempre visa o homem todo; alimenta os cinco mil com pão, cura os doentes em corpo e alma. Confessamos a ressurreição da carne: "Corporalidade é o destino dos caminhos de Deus", afirma afamado teólogo.

Por isto é de importância que a comunidade de Cristo louve o seu Senhor em alta voz, e isto, a música o faz de modo todo especial. Mas não apenas de natureza sensorial, pois evoca a participação da alma e espírito. Põe a serviço o homem todo.

2. A mais bela característica da música é a alegria. Isto, naturalmente não exclui a seriedade na música sacra. Alegria autêntica sempre inclui seriedade. Evangelho é mensagem de Alegria.

Sendo nós cristãos evangélicos, deverá ser, a alegria a nossa mais perceptível característica. A Igreja de Cristo nunca prescindiu da música desde os primórdios de sua existência, justamente por ser a igreja com a mensagem de alegria autêntica. Alegria, no entanto, não é divertimento ou animação.

O canto da comunidade desempenha estas duas e importantes funções; dá expressão à alegria. Tendo Cristo redimido sua comunidade, não pode ela deixar de jubilar e exaltar. Por outro lado, o canto transforma a tristeza e o abatimento em alegria; assim prestamo-nos com o canto, um verdadeiro serviço mútuo. Lutero disse de experiência própria, que a música espanta a depressão, a tristeza, os maus pensamentos, as tentações e o próprio demônio.

Assim a música na igreja é ao mesmo tempo, meio de expressão, veículo portador da voz da comunidade e de seus sentimentos e serviço ao próximo. A alegria tem como melhor forma de expressão, a música, o canto. O serviço que nos presta consiste em seu poder de penetração na alma, trazendo paz e satisfação, alegria e serenidade aos espíritos aflitos e desesperados. Já a música instrumental pura pode ter mais efeitos; quanto os terá se vier acompanhada pela palavra de consolo do Evangelho redentor de Cristo.

É, por isso, evidente a necessidade de zelar pelas boas formas, pela beleza dos arranjos e melodias, pela autenticidade da interpretação, para obter-se êstes préstimos duplos. Êsse cantar lerdo, exaustivo e sonolento de nossas comunidades não é nem expressão de alegria, nem de seriedade e nem pode ter aquele efeito animador: o poder transformado da depressão e tristeza.

3. O canto exprime e produz verdadeira alegria por ter o poder de penetrar no íntimo do homem, de romper certas camadas que impedem a penetração profunda da palavra falada. O canto atinge e tange as cordas da alma. “Os cantos de Lutero”, assim confessam os adversários do reformador, “convertem mais crentes que todos os seus escritos e prédicas”. Isto porque a música quebra a resistência da razão e juízo e ativa as forças meditativas do íntimo humano. Por êste motivo os velhos doentes, os atribulados e prêsos, os que por perseguição religiosa foram afastados de sua congregação têm sempre esta inesgotável fonte de forças: alimentam-se da bagagem de hinos e cantos espirituais.

4. O canto realiza a comunhão dos santos. Também neste setor constatamos êste sentido ambíguo: o canto comum exprime a comunhão e realiza ao mesmo tempo assim a comunhão.

a) O côro falado, além de ser bem mais difícil não tem esta uniformidade de tom e ritmo como a tem o canto. No canto anda-se de mãos dadas por um só caminho. É comum, na vida, que o auge da alegria em reuniões estudantis, de famílias, etc. culmine com a entoação de cantos. Eis aí um exemplo de como o canto é expressão da comunhão.

b) Por outro lado o canto comum fortifica a comunhão e a renova. Não é possível cantar espontaneamente com inimigos. Uma vez que cantamos com alguém com espontaneidade rompem-se as barreiras separadoras de homem para homem. A música na igreja unifica verdadeiramente e nos faz experimentar o confortador ambiente da comunhão que há em Cristo.

5. Diga-se ainda o seguinte sem temor de estarmos exagerando: a música na Igreja dá-nos a possibilidade de praticar o ministério de todos os crentes. Ativando o organista, o dirigente de côro, o próprio côro, a orquestra, a comunidade tôda, seja em conjunto, ou separadamente, quebramos o “EIN-MANN-SYSTEM”, pois que todos estão pregando, orando, intercedendo, meditando. Todos estão, por meio da música, aptos a exercer o ministério da pregação.

6. A música atualiza um ponto de fé adequadamente em cada época. Isto se torna evidente, observando que cada época faz música correspondente às características de seu tempo, procurando uma maneira atualizada para expressão de sua fé.

Certamente é com gratidão que conservamos um patrimônio de hinos clássicos com zelo e carinho. Além disto cada época tem procurado proporcionar a seus contemporâneos suas formas específicas de expressão musical, ora por meio de arranjos atualizados, ora por novas criações. É verdade que o século dezenove se

nos afigura extremamente pobre na atualização autêntica da expressão musical e poética, mas nos dias hodiernos, o movimento musical sacro tomou nôvo impulso. Pela graça de Deus abundam compositores inspirados que têm dado aos nossos contemporâneos inúmeras obras, de inaudita e autêntica beleza com uma vigorosa expressão de fé. Surge o “Cântico Nôvo”, não apenas por renovação e atualização do velho patrimônio em arranjos modernos, mas também em novas melodias e, o que é mais importante, em novos textos.

III.

LITURGIA É SERVIÇO

Em princípio, tudo o que se faz numa comunidade de Cristo deve ser serviço.

Servir é a palavra mais característica da comunidade cristã. Ser cristão significa ser um servo de Deus e dos homens. Este “ser” do cristão tem o seu expoente máximo no mandamento duplo do amor: Amãr a Deus e ao próximo. Assim o servir da comunidade tem por objeto a Deus e o próximo. Este servir pode tomar forma de expressão muito prática no cumprimento do dever cotidiano na família, no emprêgo, na profissão. Lutero nos trouxe uma visão nova de como o mais desprezencioso serviço é também serviço de caridade e amor.

A função do amor a Deus assim como também ao próximo é servir.

Esta é a chave de compreensão do culto cristão. Sem dúvida alguma é primariamente o Senhor o que atua na Igreja. O culto é serviço de Deus nos homens crentes e descrentes, mas o culto evangélico é também serviço da comunidade diante de Deus e dos homens.

Assim, liturgia e música sacra constituem serviço santo, serviço de amor a Deus e aos homens. (A forma pela qual servimos aos homens, na liturgia do culto, foi descrita anteriormente.) Deste pensamento do servir devem ser derivadas as diretrizes e bases que a regulamentam.

1. No capítulo 14 de 1. Co., o apóstolo Paulo escreve: “Procurai o amor” e termina, “tudo porém, seja feito com decência e ordem”. A ordem é uma demonstração de amor.

A finalidade desta ordem e deste amor é a edificação da comunidade. Tudo que não contribui para a melhoria e edificação da comunidade, não é serviço autêntico.

Este critério deve ser aplicado também na liturgia e canto da congregação. Se liturgia é serviço para edificação da comunidade, parar o fortalecimento e criação de fé, então deve ser sua única finalidade, a de colaborar na pregação do evangelho, pois

a fé vem somente pela pregação do Evangelho (Rom. 10,17). Não excluimos a prédica, nem lhe depreciamos o valor, mas, afirmamos claramente que prédica não pode ser tudo. Pelos motivos mencionados anteriormente, precisamos dos valores musicais para acentuar, sublinhar, aprofundar, a pregação do Evangelho. Devemos fazer uso da possibilidade única da música para que a comunidade responda efusivamente às maravilhosas obras de Deus.

Não visamos com a música o embelezamento e a evocação de sentimentos emotivos como descrevem os relatórios dos próprios pastores nos periódicos de nosso Sínodo, com referências às festas, entêrros e outros acontecimentos, e sim à difusão do Evangelho. Se isto não acontecer, não há lugar para qualquer espécie de música em nossos ofícios.

O canto litúrgico e o canto em geral nos dá esta possibilidade de incentivarmo-nos mutuamente a louvar o Senhor, admoenstando-nos uns aos outros, e levando-nos a praticar o ministério de todos os fiéis no verdadeiro sentido da palavra (Col 3,16). Considero esta frase precedente a essência deste trabalho; liturgia e música sacra querem ser auxiliares na pregação do evangelho para edificação da comunidade de Deus, sempre sob o ponto de vista do mandamento duplo do amor.

2. Por estes motivos a educação musical e litúrgica da comunidade não pode prescindir de critérios críticos na escolha de hinos e cantos assim como música instrumental. Uma vez convictos que este ou aquele hino, por sua melodia incoerente e imprestável, ou pelo conteúdo do texto, certos costumes e formas litúrgicas, certas músicas instrumentais e formas de interpretação; isto é, digo que, uma vez convictos de que uma destas coisas não sirva para edificar a comunidade no sentido bíblico, no sentido de auxiliar e fortificar a fé na salvação, devem ser prontamente eliminados.

A idéia de Deus e de Cristo foi deturpada na imaginação dos homens tanto pela pintura como pela música. Estes quadros representando um jovem dócil e meigo, com traços românticos e olhar apaixonado, o quadro do velhote bonachão, de barbicha, em todos os casos não são quadros bíblicos. Amor autêntico pode ser cruel e áspero, isto vale na educação das crianças, como também vale na interrelação entre Deus e os homens, como também na educação da comunidade. Por amor à comunidade devemos combater certo gênero musical, oferecendo-lhe outro mais autêntico e edificante. Não é apenas uma questão de gosto ou de mania de alguns músicos eruditos que nos leva a esta atitude, mas é a responsabilidade pela verdade que todos temos perante o Todo-Poderoso.

Estamos plenamente cientes que a forma pura, de maneira alguma garante a ação do Espírito Santo. Sabemos que o Senhor age conforme o seu agrado e por caminhos para nós não imagináveis e que o Espírito sopra quando e onde quer. Não nos iludimos,

pois sabemos que com todos os nossos esforços não saímos do meio que nos circunda. Simplesmente estamos empenhados em cumprir as palavras da Escritura que nos chama a sermos os dispenseiros dos dons recebidos.

3. Do ponto de vista do amor, depende o método a ser empregado na educação da comunidade. Nos casos menos graves, por amor à comunidade, deverá haver paciência. Onde, porém, o caso é de gravidade, exprimindo o canto puro sentimentalismo, e até mesmo o paganismo, onde os textos contradizem as verdades bíblicas declaradamente, deve-se então agir com rigor. No primeiro caso, em se tratando de amor e paciência cuidemos para que a paciência não se torne sinônimo de inatividade e falta de iniciativa. E isto não significa nada fazer, como desde sempre, estamos acostumados, encobrimo a nossa falta de atividade com um manto de falso amor; a nossa preguiça com a paciência, por amor ao próximo.

Tal trabalho educativo se pratica com a comunidade pelo canto, proporcionando-lhe prazer na música autenticamente evangélica. Para isso é absolutamente necessário que o côro, com o seu dirigente desça de sua elevada posição e se identifique no canto, com a comunidade. Os mais eminentes nos estão dando o melhor exemplo. Sua preocupação não diz respeito à formação de coros e conjuntos altamente categorizados, mas simplesmente, ao canto da comunidade, à execução de corais a uma voz.

Não há perigo que procedamos com demasiada rapidez, ao contrário, é imperioso que convoquemos todos ao trabalho — Comecem, por amor de Deus. Façam algo pelo reavivamento litúrgico. Paciência não é sinônimo de comodismo.